

4

A casa brasileira nos anúncios de jornal

“Com efeito! a imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção.” Machado de Assis, “O jornal e o livro” (1859), Obra completa, p. 945.

Em *Raízes do Brasil*, ao estabelecer uma comparação entre a vida intelectual na América Espanhola e a vida intelectual no Brasil, Sérgio Buarque de Holanda chama atenção ao surpreendente contraste entre as Américas (espanhola e portuguesa) no que diz respeito à introdução da imprensa – importante instrumento de cultura. Em 1535 já se imprimiam livros na Cidade do México e no ano de 1584 foi autorizada a criação de uma oficina impressora em Lima, no Peru; todas as principais cidades da América espanhola possuíam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, quando surgiu no Rio de Janeiro a oficina

de Antônio Isidoro da Fonseca – fechada logo em seguida por ordem real. No Brasil, os livros e papéis impressos vinham do reino, não sendo permitida sua impressão sequer nos centros urbanos de maior importância. A introdução da imprensa brasileira remonta às primeiras décadas do século XIX, com a chegada da Família Real²⁶⁹.

O primeiro periódico editado por brasileiro (Hipólito José da Costa) foi o *Correio Braziliense* ou *Armazem Literario*, que era, entretanto, impresso em Londres. Tratava de assuntos políticos, comerciais, literários e científicos, tendo sido publicado de 1808 a 1822. Mas o primeiro jornal do Brasil, ou o primeiro jornal impresso em terras brasileiras, foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, cujo número inicial foi publicado a 10 de setembro de 1808 – meses depois da criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, a 13 de maio desse mesmo ano²⁷⁰. O segundo jornal efetivamente brasileiro foi *A Idade d'Ouro do Brazil*, impresso a partir de 1811 – ano em que surgiu a primeira tipografia na Bahia, pertencente a Manuel A. da Silva Serva. Em Pernambuco, a primeira tipografia apareceu em 1817, com o primeiro jornal (a *Aurora Pernambucana*) publicado em 1821 – a impressão do *Diário de Pernambuco* teve início somente em 1825. Na cidade de São Paulo, a imprensa ingressou tardiamente, em 1827, com o número inicial do *Farol Paulistano*, fundado por José da Costa Carvalho²⁷¹. Dessa forma, os jornais foram surgindo e se consolidando na cidade brasileira, onde se desenvolveram ao longo do século XIX:

*“Ao século XIX cabe sem dúvida a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopéia da vida íntima dos povos, sempre palpitante de ideias.”*²⁷²

269 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 .ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 119-20. (Primeira edição: 1936).

270 TAUNAY, *Op. cit.*, p. 292.

271 Idem, *ibid.*, p. 293.

272 ASSIS, Machado de. “O jornal e o livro” (1859). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, vol. III, p. 946.

Dos primeiros periódicos, de cunho altamente político, aos periódicos de fins do século XIX – alguns de teor artístico e literário, como *A Semana*, dirigido por Max Fleiuss, observa-se variações na forma, no conteúdo, na periodicidade, e na intenção do fundador ou editor. Alguns possuíam um caráter mais informativo; outros, uma feição política; outros ainda, um tom sarcástico:

“Agora sim!

*Agora é que a república vai em maré de rosas. Estabelecendo, no Cassino, a sede de suas reuniões, o partido – que tantas adesões públicas e tantas simpatias conta – dá o mais agigantado dos passos na senda do progresso.”*²⁷³

Do ponto de vista cultural, todos os periódicos são relevantes para o estudo e análise da casa brasileira, por revelarem a sociedade, a cultura, o modo de vida, as ideias de um determinado período. Em um âmbito mais específico interessam, contudo, os próprios anúncios de venda e aluguel de casas, uma vez que sua análise permite averiguar o número de pavimentos das residências (casas térreas, sobrados, sobrados de três ou quatro pavimentos), a existência de sótãos e mirantes, o comprimento da fachada principal e a extensão do terreno, o número de portas e janelas, a relação de cômodos internos, os materiais construtivos, a existência de quintais, jardins e “chácaras” – no sentido de espaço com horta e pomar junto à habitação, o aluguel de sótãos ou andares inteiros para outras famílias ou pessoas solteiras e a localização das construções de uso residencial para vender ou alugar no espaço urbano. As transformações da casa são apreendidas a partir da análise comparativa de anúncios publicados em períodos distintos: a substituição de rótulas e gelosias por janelas de vidro, o emprego do tijolo no lugar da pedra e

²⁷³ *Vida fluminense: folha joco-seria-illustrada*. Rio de Janeiro, 28.12.1872. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

da taipa, a introdução do jardim lateral ou frontal, alterações no número de portas e janelas, o afastamento da residência em relação à rua, a utilização do térreo para moradia dos proprietários, o aparecimento e difusão de chalés, cortiços e palacetes.

Nem todo jornal publicado no século XIX apresentava anúncios de venda e aluguel de casas. Nos primeiros periódicos brasileiros, esses anúncios apareciam muitas vezes misturados a avisos referentes ao desaparecimento de escravos ou a anúncios que promoviam a venda destes ou a venda de livros, móveis e objetos. Com o tempo, os anúncios de casas receberam uma seção específica, especialmente em jornais como o *Diário do Rio de Janeiro* – distribuídos em maior escala.

Os primeiros anúncios de venda e aluguel de casas não continham uma descrição muito detalhada da residência, particularmente a urbana. Mencionava-se o tipo de moradia (casa térrea ou sobrado), a localização e o lugar onde encontrar o responsável pela negociação. A análise desses anúncios fornece poucas informações no que diz respeito à arquitetura da cidade, sendo a descrição de sítios, chácaras e fazendas mais detalhada.

Aos poucos a moradia urbana passou a ser descrita com especificações não apenas em relação ao número de pavimentos, mas também no que diz respeito ao tipo de material construtivo ou ao comprimento da fachada.

Em 1822, já era possível encontrar anúncios de jornal que faziam menção aos cômodos internos de residências situadas no espaço urbano. A existência de sótãos nas construções e o aluguel destes para pessoas solteiras ou famílias (denotando a possibilidade de renda por meio do aluguel de determinados espaços internos da casa urbana) também são evidenciados nos anúncios de jornal desse período.

Nos periódicos publicados a partir da terceira década do século XIX, passa a ser possível avaliar a arquitetura urbana que aparece nos anúncios segundo alguns detalhes da fachada, como a existência de janelas com grades de ferro. O número de

portas e janelas na fachada também assume papel importante na caracterização da moradia urbana – as casas mais simples ditas “de porta e janela”; as casas mais ricas possuindo várias janelas na fachada.

Em meados do século XIX, já havia se tornado comum a inclusão dos espaços e elementos externos à residência como atrativos de venda nos anúncios de casas urbanas: quintal, jardim, chácara, poço com boa água, sendo mais frequente a menção a esses elementos que a descrição dos cômodos internos.

Nos anúncios das últimas décadas do oitocentos, começou a aparecer com maior frequência o valor das casas à venda e do aluguel de cômodos, sobrados, casas térreas e chácaras. O valor do imóvel tornou-se elemento determinante nas negociações, sendo mais importante que as próprias características da casa no processo de compra, venda e aluguel, aparecendo, muitas vezes, logo na primeira linha do anúncio.

Nesse período, também, contrariamente às expectativas – considerando-se que as cidades estavam em contínuo processo de expansão urbana – os anúncios de venda e aluguel de imóveis em vez de aumentarem proporcionalmente à área construída do espaço urbano diminuíram nos periódicos, tornando-se mais escassos. Isso se deu, entretanto, não em função de uma diminuição do número de imóveis para venda ou aluguel, mas em função do aparecimento de escritórios especializados no ramo imobiliário, que passaram a anunciar seus serviços, disponibilizando um número significativo de casas para compra e aluguel.

A casa brasileira dos anúncios de jornal acompanhou as transformações urbanas e sociais – a implantação de sistemas de distribuição de água e coleta de esgoto, o fim da escravidão, o início da industrialização, a chegada dos imigrantes, a europeização do espaço urbano, dos costumes e do modo de morar. Era uma casa em transformação, que no entanto revelava permanências, como a existência de dependências para os empregados nas casas de fins do século XIX em substituição

aos quartos destinados aos escravos do sobrado patriarcal; ou o pomar e a horta junto ao palacete; ou ainda e, muitas vezes, a sala principal voltada para a rua e a área de serviço nos fundos da residência.

Rio de Janeiro

Nas primeiras décadas do século XIX, eram anunciados sobrados, casas térreas, casas assobradadas, casas sem menção ao número de pavimentos, chácaras e casas de campo nos jornais do Rio de Janeiro.

O sobrado, que aparecia nos anúncios como “*casas de sobrado*”, “*morada de casas de sobrado*” ou simplesmente “*sobrado*”, apresentava duas, três ou quatro janelas na fachada principal, algumas vezes com grades de ferro na sacada e vidraça. Podia ter sótão, “*sobre-sótão*” e mirante; possuía quase sempre quintal com poço d’água e, não raro, cocheira e cavalariça. Algumas vezes continha armazém no térreo; outras vezes era descrito como a morada de casas de pedra e cal. Nele sempre havia “*cômodos suficientes para uma família*”: salas, quartos, alcovas, cozinha e despensa ou cozinha e copa avarandada. Era um sobrado estreito, com poucas braças de frente:

*“Ha para vender huma morada de casas de sobrado acabadas a 3 mezes, bem construidas, e repartidas, com commodos para grande familia, a pesar de serem com a largura de 2 braças, todas envidraçadas, com seu quintal, bom poço, paredes mestras, e boas madeiras, citas na rua nova da Princeza n° 58, quem as quizer comprar dirija-se a Valongo n° 79, que là achará com quem as ajustar.”*²⁷⁴

Os sobrados do Rio de Janeiro situavam-se na travessa de S. Francisco de Paula, na rua do Sabão, na rua que ia para o Catete, na rua Nova da Princesa, na rua da Cadeia, na Lapa do

274 *Diário do Rio de Janeiro*. 09.02.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

Desterro, na rua do Conde, na rua de Matacavalos, na rua larga de S. Joaquim, estando espalhados pelo espaço urbano.

Eram elementos de valorização desse tipo edificatório nesse momento: as grades de ferro na sacada, as janelas envidraçadas, o sótão, o mirante, o “*forro de papel*”, a cavaliariça, a cocheira, o quintal com poço d’água e o jardim – apesar de ser raras vezes citado nesses anúncios.

As casas térreas eram normalmente pequenas – casas de porta e janela, casas de duas ou três portas ou de duas janelas e uma porta na fachada estreita, geralmente com cerca de três braças de frente. Evidentemente, havia exceções: casas térreas com sete ou mais braças de frente. Essas construções possuíam “*cômodos para uma família*”, “*boas paredes mestras*”, bom poço d’água, quintal, às vezes sótão, terraço, “*corredor separado*”, “*telheiro para cavalos*”, “*verduras e hortaliças*” ou uma venda. Podiam ser de pedra e cal e, as janelas, de rótula ou vidraça. Algumas eram pintadas de amarelo; outras, assoalhadas “*da porta da rua até a cozinha*”. Eram vendidas por “*preço cômodo*” ou alugadas para famílias inteiras. Havia dessas casas na rua de Santa Luzia, na rua dos Latoeiros, na rua do Sabão, na rua do Aljube, na rua da Conceição, na rua de São Francisco de Paula, na rua das Mangueiras; no “*interior da cidade*” ou na “*Cidade Nova*”, na praia do Flamengo, na Lagoa da Sentinela e até na Ilha das Cobras. Juntamente com os sobrados, compunham a paisagem urbana do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX de modo bastante expressivo, como é possível inferir a partir da análise desses anúncios.

As casas assobradadas (ou moradas de casas assobradadas) algumas vezes se assemelhavam às casas térreas; outras vezes, ao sobrado. No primeiro caso, podiam ser descritas simplesmente como moradas de casas assobradadas de três portas ou três janelas de peitoril. No segundo caso, apresentavam janelas envidraçadas, forro e assoalho, quintal com poço d’água, cavaliariça, às vezes chácara nos fundos com arvoredo, de três

a sete janelas na fachada principal e cômodos suficientes para uma família – havia construções com mais de quinze quartos (todos com janelas envidraçadas); ou simplesmente com sala, três quartos, sala de jantar contígua à cozinha e quarto por baixo para escravos; ou, ainda, com três salas grandes, quatro quartos grandes, vários quartos para escravos, duas cozinhas, dois quintais separados (um para criação, outro para plantação) – existindo variações no programa de necessidades.

As casas assobradadas podiam ser encontradas em Mata-porcos, no Castelo (junto ao “*Largo da Sé Velha*”), no Campo de São Cristóvão, na praia da Gamboa, na rua da Pedreira da Glória, e apareciam com frequência nos anúncios de jornal. Um dos anúncios mais detalhados de casa assobradada foi publicado no *Diário do Rio de Janeiro* no dia seis de outubro de 1821:

“Vende-se huma caza assobradada acabada ha muito pouco tempo de construir com perfeição e fortaleza, na rua do Catete, lado esquerdo hindo da Cidade N° 78, com grandes accomodações para numerosa familia; cuja caza he de architettura ellegante, e alguns tetos das salas de estuques, todas as sallas, gabinetes e quartos forrados de papeis do ultimo gosto fóra do uso vulgar; com boa cocheira, cavalharice para sete animaes, quartos de criados, duaz cozinhas, tanques de beberem animaes, e de lavar roupa, jardim, horta, e chacara ajardinada, com plantaçõ de capim no centro, poço impedrado com muita e boa agua, e seu tanque, todas as ruas, e o jardim guarnecidos de murta, e por toda a chacara e pelo mesmo pedestaes com figuras e vasos de louça fina, e pilastras, e cazas de fresco de muito bom gosto, e muito arvoredos: esta caza se vende só, ou com toda ou parte da mobilia que tem dentro, que he rica e de gosto: assim como escravos de ambos os sexos, prata, casquinha, cristaes, louça, sege, traquitana, e carrinho, parelhas de cavalos, e de muares, quem tudo isto quizer comprar

procure o seu dono Francisco Antonio Dimichelis nas ditas casas (...)."²⁷⁵

A residência anunciada localizava-se no Catete, bairro das chácaras ajardinadas; possuía “arquitetura elegante” e cômodos “fornados de papéis” – o que denota uma nítida influência europeia ainda nas primeiras décadas do século XIX; não possuía quartos para escravos, mas “quartos para criados” – embora os escravos sejam mencionados logo em seguida; nos espaços externos, havia jardins, horta e chácara, e nos jardins, figuras e vasos de louça fina e pilastras, de influência neoclássica. Resultava, portanto, do processo de re-europeização iniciado com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro.

Como esta, existiam outras casas assobradadas com ares de sobrado, descritas às vezes simplesmente como “*casas nobres*”. Na hierarquia dos tipos de habitação estariam acima da casa térrea, com algumas exceções.

Ainda no espaço urbano, uma variação do sobrado ou da casa térrea era a casa de esquina – embora fossem raros os anúncios que evidenciavam o fato de se tratar de uma “casa de canto de rua”, como se dizia à época. Nestes, não se mencionavam os cômodos internos da residência, mas sugeria-se o uso para moradia ou para fins comerciais como, por exemplo, o estabelecimento de casas de molhados. O fato de possuir entradas voltadas para duas ruas favorecia o uso comercial dessas construções.

*“A pessoa que quizer tomar de aluguel huma casa inteira, cita na Lapa do Desterro em hum canto de rua, boa para moradia, ou para casa de molhados, por não haver naquella rua outra, dirija-se a rua do Alecrim n.º 74.”*²⁷⁶

275 *Diário do Rio de Janeiro*. 06.10.1821. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

276 *Diário do Rio de Janeiro*. 14.01.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

*“Vende-se huma caza de molhados com bons commodos para morar qualquer familia no Largo do Rocio, na esquina da rua dos Siganos, quem a quizer comprar falle com seu dono até meio dia em a mesma caza.”*²⁷⁷

*“Vende-se huma morada de cazas de sobrado no canto da rua da Pedreira, indo do Aljube, de grades de ferro, toda envidraçada, com commodos para mais de 20 escravos, commodos para huma grande cavalhariça, quem as quizer comprar dirija-se á mesma, que se lhe dará o preço.”*²⁷⁸

Como se percebe neste último anúncio, de nove de junho de 1821, algumas casas de esquina apresentavam características do sobrado mais nobre, como grades de ferro, janelas envidraçadas, cavalariça e cômodos para um número significativo de escravos.

Nos anúncios, nem sempre se fazia referência ao número de pavimentos da habitação, não sendo possível definir com precisão se se tratava de sobrados, casas térreas ou casas assobradadas. Essas casas sem especificações quanto ao número de pavimentos algumas vezes apareciam definidas como “*casas nobres*” – como algumas construções assobradadas. Podiam ter como atrativo apenas oficinas e poço d’água; ou cômodos para família, cocheiras, cavalariças, cozinha independente e chácara com água dentro; ou ainda cômodos para família, cocheira, cavalariça e grande quintal – variando a caracterização do espaço livre de uso particular, que podia ser descrito como chácara com água dentro ou grande quintal, quase sempre com poço d’água. Poucas eram as descrições de “*casas nobres*” com um detalhamento maior dos espaços internos, como a publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em seis de junho de 1821:

277 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 26.05.1821. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

278 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 09.06.1821. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

*“Vende-se huma caza nobre, sita no principio da praia do Botafogo com onze janellas de frente, com bons commodos, bastantes quartos capazes de acomodar huma grande familia, com boa cozinha, e moderna, grande coxeira, e cavalharice, com sala de espera, boa sala de jantar, e duas grandes salas para a frente do mar, com dois quartos iguaes, com jardim, poço e diversas obras, e quintal murado, pegada com o portão do Coronel Rocha, quem quizer comprar dirija-se a cáza N° 38 da rua Direita.”*²⁷⁹

O número de janelas na fachada principal, as variações de salas e a existência do jardim podem ser considerados indicadores da “nobreza” da casa – ainda que esta não tenha sido definida como sobrado. A própria localização da residência, na praia de Botafogo, é indicativa de seu valor.

Em outros anúncios, de construções relativamente mais simples, destacava-se a existência do sótão, do forro, da vidraça, dos próprios cômodos, do quintal (ou terreno) e do poço. Desse modo, era possível encontrar à venda ou para alugar casas com grande sótão, forradas e envidraçadas, com bons cômodos, bom quintal e bom poço; casas com bonito sótão, terreno “*curiosamente plantado*” e bom poço; moradas de casas forradas, com grandes cômodos, poço e quintal; e casas forradas prontas para serem habitadas, com quintal e poço, cocheira, cavalaria, quarto para escravos e cozinha separada com despensa e copa. Outros elementos de valorização dessas casas eram o jardim, a chácara (no sentido de local plantado de arvoredo ou capim), o terreno plantado de flores e as vistas (do mar e da cidade) que se vislumbrava através das janelas da sala e do sótão.

Havia ainda as casas “*com negócio*” – desde um armazém com fazendas, ou uma loja com louça, até armazéns – e, finalmente, as residências mais simples com programa de

279 *Diário do Rio de Janeiro*. 06.06.1821. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

necessidades quase mínimo (casas com sala, alcovas, varanda e cozinha, às vezes com quintal e poço) e fachada estreita (de duas ou três braças), algumas ditas “*de telha*” com acomodações para uma família. Estas últimas eram provavelmente térreas – o extremo oposto das “*casas nobres*” nos anúncios sem definição quanto ao número de pavimentos.

Além da venda e do aluguel de sobrados, casas térreas, casas assobradadas, casas nobres e outras casas isoladas, promoveu-se a venda de casas em conjunto. Vendiam-se duas, três, quatro moradas de casas – juntas ou separadas; normalmente, casas térreas e sobrados com algumas braças de frente.

*“Vendem-se na Pedreira de N. S. Da Gloria; duas moradas de cazas terreas de pedra e cal novas, huma mais por telhar e cinco ditas de pao a pique, com 22 braças de testada e 30 de fundo. Quem as quizer comprar falle com Custodio de Souza Guimarães, na rua do Valongo N° 8, que tem ordem para as vender.”*²⁸⁰

*“Quem quizer comprar tres moradas de cazas terreas no Largo da Carioca, esquina da rua do Piolho, que fazem frente para a rua da Valla, procure na rua do Rozario N° 60, a Francisco Nunes.”*²⁸¹

No que diz respeito ao aluguel, além das casas de sobrado, casas térreas, casas assobradadas, casas nobres e outras casas alugadas integralmente, constata-se o aluguel de metade de certas casas urbanas (com bons cômodos, quintal e poço), bem como o aluguel do primeiro e do terceiro andares dos sobrados, de sótãos (ou águas furtadas) e de mirantes. O sótão para alugar podia conter desde uma simples “*saleta*”, com alcova, até sala, dois quartos, casa para jantar e cozinha, salientando-se a

280 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 24.02.1821. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

281 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 14.02.1821. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

existência de corredor separado ou entrada independente. O mirante possuía “*comodidade para uma ou duas pessoas*” e “*lindas vistas*”. Alugavam-se também salas e alcovas dos sobrados ou mesmo a loja do térreo. Conclui-se assim que parte dos sobrados e das casas urbanas do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX era multifamiliar, sendo o aluguel de cômodos ou pavimentos da construção um meio de aumentar a renda de seus proprietários.

Em relação à área semiurbana, eram anunciadas nesse período chácaras e casas de campo. O termo “chácara” não designava exatamente a “*habitação campestre*”, mas o terreno plantado de arvoredo ou capim, que podia apresentar jardim, horta ou pomar. Estava mais próximo do sentido de “quinta”, embora nem sempre correspondesse a uma “*grande propriedade*”, sendo muitas vezes uma propriedade pequena ou mediana, com vinte ou trinta braças de frente e cerca de cinquenta ou cem braças de fundo. O termo estava antes relacionado aos espaços livres de edificação que à habitação em si. Por isso nos anúncios era possível encontrar tanto casas de sobrado com chácara como chácaras com casas de sobrado ou casas de vivenda. Por isso também poucas vezes se lia a descrição dos cômodos internos das residências nesses anúncios. Interessava ressaltar os atrativos do terreno onde se situava a casa para promover sua venda ou aluguel.

*“Vende-se no caminho que vai para a Praia Vermelha, segunda caza, huma chacara com 16 braças de frente e 90 de fundo, plantada de capim e arvoredos de espinho, com poço de muito boa agoa e tanque, rio corrente nos fundos, jardim na frente, caza nova com muitos bons commodos para huma grande familia, cavalharice para 3 ou 4 cavallos, quem a pertender dirija-se á loja de José Luiz de Souza, rua Direita N° 11.”*²⁸²

282 *Gazeta do Rio de Janeiro*. 19.05.1821. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

Mas se por um lado os sobrados ou casas *com* chácara situavam-se no espaço urbano, as chácaras estavam, na maioria das vezes, em caminhos ou estradas ou nas proximidades das praias do Rio de Janeiro. Havia chácaras no “*caminho novo do Botafogo*”, na estrada Real, no caminho que ia de Copacabana para a praia Vermelha, na praia do Flamengo, na estrada da Lagoa (perto da praia de Botafogo), no caminho do Brocó, na estrada de S. Clemente, no Andaraí, na Vila Real da Praia Grande, mas também na rua das Flores, na rua de S. Domingo, na rua do Senado – sendo as chácaras destas ruas comumente de menores dimensões.

A frente das chácaras variava, nos anúncios analisados, de cerca de seis a trinta e cinco braças (ou de dez a sessenta e três metros), havendo, todavia, chácaras com cento e quinze braças de frente (ou duzentos e sete metros). O comprimento variava de cerca de dezesseis a cento e vinte braças (ou de trinta a duzentos e dezesseis metros) e a área total ficava entre aproximadamente 2.000 e 12.000m². Não compunham de fato grandes propriedades.

Eram comuns às chácaras do Rio de Janeiro os arvoredos (muita árvore de fruto), plantações e enxertos, às vezes horta e pomar, capinzal, poço d’água ou rio de água doce nos fundos ou cortando a propriedade, cocheiras, cavalariças, senzala e casa de vivenda. Esta última possuía “*cômodos para família*”, podendo ser térrea ou sobrado – algumas com sótão. Na maior parte das vezes, eram simplesmente mencionadas nos anúncios, que apresentavam poucos dados em relação à edificação. Quando apareciam referiam-se, predominantemente, aos aspectos externos, como o número de portas e janelas e a existência de vidraças. Vez ou outra surgia um detalhe sobre a parte interna da casa (“*forrada e assoalhada*”) ou a definição do material construtivo (“*pedra e cal*”). Sobressaía a descrição das benfeitorias em detrimento da descrição da casa e dos cômodos internos – mais comum aos anúncios de imóveis urbanos.

Os anúncios de casas de campo no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX eram raros em comparação aos de chácaras e pouco diferenciavam destes últimos – a maior diferença estava na ênfase ao arvoredo e às áreas plantadas da chacara, nem sempre destacados nos anúncios das casas de campo:

*“Quem quizer comprar huma casa de campo com bastantes commodos para huma grande familia, coxeira, cavalharice e quintal, e cozinha separada, tendo de frente 7 braças e de fundo 57, e corre no mesmo fundo o rio do Catete, sita na praia do Flamengo, immediata as casas do Capitão Antonio da Cunha, queira dirijir-se a traveça do Paço 7º andar N. 5 para se lhe mandar mostrar.”*²⁸³

*“Aluga-se huma chacara no caminho que vai do Botafogo para a Lagoa, lado direito que tem 20 braças de frente, e 117 de fundos, boa casa de vivenda, com huma coxeira com suficiencia para ter 3 ou 4 animaes, e huma sege, todo o terreno está cultivado, com huma peça de horta, muito bem plantada, e o resto plantado de capim, com suas ruas de passeio todas guarnecidas de arvoredos de varias qualidades, com hum rio que passa no fundo da mesma chacara com agoa todo o anno, muito boa para lavaje de roupa; quem a pertender alugar dirija-se a mesma chacara que la tratara com seu dono, o signal he onde virem huma taboleta com huma Onça e hum Leão pintados, que està posta na frente de huma venda.”*²⁸⁴

Enquanto as casas de campo e as chácaras localizavam-se nas proximidades da cidade, os sítios do Rio de Janeiro

283 *Diário do Rio de Janeiro*. 28.05.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

284 *Diário do Rio de Janeiro*. 31.05.1822. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

situavam-se em lugares mais distantes, perto da área rural – fora portanto do contexto das residências semiurbanas.

Nos anúncios de meados do oitocentos permaneceram basicamente os mesmos tipos edificatórios do início do século XIX na área urbana: casas de sobrado, casas térreas (algumas de porta e janela, outras com sótão) e casas assobradadas, aparecendo também anúncios de casa em que não se mencionava o número de pavimentos e anúncios de casas ditas “*com negócio*” ou para estabelecimentos comerciais. Na área semiurbana, eram comuns ainda as chácaras – com suas casas térreas, casas de sobrado ou casas assobradadas. O termo continuava sendo empregado em relação às características dos espaços livres, sendo frequentes os anúncios de casas *com chácara*.

O aluguel de sótãos, mirantes, pavimentos inteiros e de partes do sobrado (salas e alcovas) ou das casas térreas continuou corrente nesse período, assim como a venda de casas em conjunto.

*“Aluga-se uma sala, alcova, e um gabinete com mobília ou sem ella, no primeiro andar de uma casa na rua de S. José, está pintada e forrada de novo; quem a pretender dirija-se á rua da Quitanda n. 47, loja.”*²⁸⁵

*“Vendem-se, juntas ou separadas, sete moradas de casas de porta e janella, na rua Nova do Conde ns. 113, 115, 117, 119 e 121; na rua de Matacavallos ns. 81 e 83; para tratar, dirijão-se à rua de Paula Mattos, primeiro sobrado á direita.”*²⁸⁶

O material construtivo, quando mencionado, era “*pedra e cal*”, embora se difundisse o emprego do tijolo, como indica o anúncio da “*Machina Excelsior, para fazer tijolos*”:

285 *Jornal do Comércio*. 12.02.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

286 *Jornal do Comércio*. 01.07.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

“Esta machina é geralmente reconhecida como a melhor que se tem inventado, e a sua descoberta veio modificar inteiramente o modo até então adoptado de se fazer os tijolos; podem-se apromptar 40,000 por dia, todos muito bem feitos e acabados. (...)”

*(...) A’ venda em casa de Nathaniel Sands e C. rua da Alfandega n.20.*²⁸⁷

Em relação às janelas, já não se mencionava a vidraça, ficando subentendido seu uso. Nas áreas atrás das residências urbanas permaneciam o quintal e o poço d’água como atrativos de venda.

A figura do jardim começava a aparecer com maior frequência nesse momento tanto junto às residências urbanas como junto às chácaras:

*“Aluga-se, no Cosme Velho, pouco antes de chegar ás aguas ferreas, uma boa casa assobradada, com excellentes commodos para familia, tendo ao lado um bonito jardim com repuxo, etc.; para ver, achão-se as chaves na casa n.88, que lhe fica em frente, e para tratar, na rua de S. Pedro n.54, das 8 horas da manhã ás 3 da tarde, e dahi por diante na mesma casa n.88.*²⁸⁸

“Vende-se a chacara n.3A da rua do Vianna, em S. Christovão, perto do Campo, com 15 braças de frente e 80 de fundos. O lugar é arejado e muito saudavel, e o terreno está bem plantado com arvores fructiferas e capim. A casa é nova e contém uma sala grande, sala de jantar, cinco quartos de dormir, dispensa, cozinha, dous quartos para os pretos, e ha tambem uma estrebaria para tres animaes. O jardim está bem plantado

287 *Diário do Rio de Janeiro*. 12.06.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

288 *Jornal do Comércio*. 26.01.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

*de flores, e tudo se acha no melhor estado possível, a agua é excellente e nunca falta. Raras vezes se apresenta igual occasião para quem quer cousa de bom gosto, e no mais perfeito estado. Trata-se na rua do Ouvidor n. 79, sobrado.*²⁸⁹

As próprias pessoas que procuravam casas e chácaras para compra ou aluguel as desejavam com jardim:

*“Se houver alguma casa que tenha boa vista com terraço, jardim ou mesmo chacara, em cima do Castello ou nas immediações, e que pretendam alugar, podem dirigir-se á esta typographia com as iniciaes A. F. T.”*²⁹⁰

Por esses tempos surgiu nos anúncios do Rio de Janeiro – embora muito raramente – a figura do “palacete”:

*“Aluga-se o lindo palacete da praia de Botafogo n.26, onde tambem se aluga huma grande cocheira para cavallarice para 12 animaes; trata-se na mesma praia n.30.”*²⁹¹

Difundiam-se o gosto pelo jardim e o palacete como ideal de moradia urbana, precedendo os palacetes ajardinados que seriam denominados “villas”.

Em fins do século XIX, os anúncios de venda e aluguel de casas foram rareando em alguns jornais como o *Diário do Rio de Janeiro*. Observa-se, contudo, a permanência da maior parte dos tipos edificatórios de princípios e de meados do século: sobrados, casas térreas, casas assobradadas e chácaras, bem como do aluguel de sótãos, salas e alcovas e de pavimentos inteiros dos sobrados. Um elemento novo que apareceu nesses

289 *Jornal do Comércio*. 05.05.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

290 *Diário do Rio de Janeiro*. 11.08.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

291 *Diário do Rio de Janeiro*. 23.08.1853. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

anúncios, sendo empregado como atrativo de venda foi o gás, que podia ou não estar em toda a casa.

A indicação de um mesmo local para negociações distintas de compra e venda de residências urbanas e semiurbanas sugere a existência de escritórios ou pessoas responsáveis pelos negócios imobiliários – o que justificaria ao menos em parte a redução do número de anúncios:

*“Vende-se por 6:200\$ uma boa chacara com casa asso-
bradada tendo duas salas, quatro quartos, despensa e
cozinha; a chacara tem duas frentes sendo situada na
melhor localidade do Andarahy Grande. Trata-se na
rua do Visconde do Rio Branco n.57.”²⁹²*

*“Vende-se predios e chacaras em diferentes logares
para todos os preços na rua do Visconde do Rio Bran-
co n.57.”²⁹³*

Se a figura do palacete começou a aparecer nos anúncios de meados do século XIX, em fins do oitocentos propagou-se a figura do chalé:

*“Vende-se um chalet na rua da Conceição, perto da
estação do Riachuelo, n.16, bem construído, em terre-
no proprio, e com commodos para familia; tracta-se
na rua da Lapa n.41.”²⁹⁴*

O chalé difundiu-se no espaço urbano em meio aos sobrados e casas térreas, destacando-se na paisagem com sua empena voltada para a rua. Muitas vezes apresentava um pequeno jardim frontal – que nem sempre era mencionado nos anúncios.

292 *Diário do Rio de Janeiro*. 11.04.1878. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

293 *Diário do Rio de Janeiro*. 15.04.1878. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

294 *Diário do Rio de Janeiro*. 10.09.1878. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo da FFLCH-USP).

A implantação e difusão desses tipos edificatórios europeizados – como o palacete e o chalé – foram transformando aos poucos a paisagem urbana do Rio de Janeiro, enquanto muitos dos antigos sobrados tinham sua fachada alterada com o acréscimo de detalhes e ornamentos neoclássicos e ecléticos. A cidade também se transformava com a multiplicação dos jardins frontais e laterais junto às residências. Alteravam-se o edifício e sua forma de implantação. As construções deixavam de ser geminadas para se isolar em relação aos limites do lote. A extensão do quintal diminuía e aumentava a frente do terreno. Não havia mais resquícios da janela de rótula – ao menos na fachada principal da casa urbana, onde todas as janelas possuíam vidraça. Os escravos, libertos, libertaram-se também da função de carregar água até o sobrado e de despejar o conteúdo dos tigres junto aos rios e mares. As casas mais ricas do Rio de Janeiro de fins do século XIX eram guarnecidas com tubulação de água e esgoto e algumas possuíam “gás” em todos os cômodos.

Em oposição ao palacete, espalhou-se o cortiço pelo espaço urbano. Relegado na paisagem urbana e social, também não apareceu nos anúncios do Rio de Janeiro.

Recife

A leitura dos anúncios de jornal publicados em Recife na primeira metade do século XIX indica a existência de dois tipos de residência urbana (o sobrado e a casa térrea) e de dois tipos de residência semiurbana: o sítio (residência permanente) e a casa de campo (para alugar ou para “passar a festa”). Além disso, constata-se o aluguel de sótãos, mirantes e pavimentos inteiros dos sobrados recifenses e a venda de casas em conjunto.

No Recife das primeiras décadas do oitocentos, segundo a análise dos anúncios, havia sobrados de um, dois e três andares, algumas vezes com sótão (onde poderia estar situada a cozinha da habitação), outras vezes com mirante. A fachada desses sobrados era estreita (normalmente possuindo de quatro a seis metros de largura) e o terreno, extenso (variando entre

dezessete e trinta metros sua extensão). Comumente estavam implantados em “chãos próprios”, sendo mais raros os sobrados em terras foreiras. Muitos deles possuíam quintal murado, onde era possível encontrar árvores de fruto ou mesmo jardins. Em alguns anúncios, era citada a “cacimba” ou poço d’água no quintal; em outros, fazia-se menção ao armazém no térreo. Raras vezes, no entanto, eram descritos os compartimentos internos do sobrado recifense, como neste anúncio publicado no *Diário de Pernambuco* no dia cinco de abril de 1827:

*“Qualquer pessoa que pertender alugar huma casa de dois andares, e hum sotaõ, na rua da Sanzalla nova Nº 15, com lojas, Armazem, quintal murado, e portaõ para o porto das canoas, com 21 palmos de frente, e 81 e meio de fundo, fornos de paõ, para assados, e fugaõ Inglez de 4 fogos no mesmo quintal cobertos de telheiro; no 1º andar 2 sallas, e 2 alcouvas, cozinha, e no 2º andar com as ditas sallas, e alcouvas, huma a frente, outra atraz, e huma camarinha boa no corredor, alem do dito sotaõ, com huma cozinha, e hum grande quarto para despejos, ou outro qualquer mister. Pertende alugar-se a huma só familia, ou Pessoa, que poderá entender-se com o Proprietário, que alugará commodamente ou alias se annunciará por este Diarrio o pertendente.”*²⁹⁵

O sobrado do Recife era mesmo estreito e magro, como afirma Gilberto Freyre, e às vezes tinha a cozinha no sótão e o armazém no térreo, mas contrariamente às colocações do sociólogo parece ter sido comum também no Recife o sobrado com quintal murado – como indica a análise dos anúncios de jornal – e não apenas o sobrado quase sem quintal.

Em relação às casas térreas do Recife, observa-se que eram de taipa ou de pedra e cal. A casa térrea de taipa podia

²⁹⁵ *Diário de Pernambuco*. 05.04.1827. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

ser pequena e simples ou estar implantada em terrenos relativamente amplos, com mais de 1.000m², em “*terras próprias*”, com “*fundos murados e algum arvoredo frutífero*”.

Algumas eram rebocadas de cal, bem construídas e possuíam árvores de fruto nos espaços livres de edificação:

*“Vende-se huma caza terrea, na rua da Povoação da Caza Forte, de taipa, bem construida de materiaes, rebocada de cal, caiada, tem hum grande quintal com arvores de fructos; he dividida em trez, a do meio com porta, e duas janelas, e hum quarto de cada lado com porta na frente, cozinha fora; quem a pertender dirija-se a rua das Cruzes, caza N^o 166, onde achará com quem tratar.”*²⁹⁶

Muitas vezes, apesar de não revelarem opulência no material construtivo ou na técnica de construção, recebiam cuidados de seus proprietários, que valorizavam o edifício.

Casas térreas de pedra e cal havia “*no lugar da Casa Forte*”, junto à Praia, na rua do Jogo de Bola. Algumas eram erguidas em chãos próprios e possuíam quintais bastante extensos.

Existiam no Recife casas térreas relativamente amplas, com seis quartos e três salas, cozinha fora e bom quintal; havia também casas térreas com sótão e casas térreas com mirante – e bons cômodos e quintal todo plantado. Aliás, da mesma forma que nos anúncios de sobrados, a figura do quintal aparece com frequência nos anúncios de casas térreas, tanto as pequenas, como as grandes ou medianas.

Mas enquanto os sobrados e as casas térreas estavam implantados na área urbana – havia sobrados na rua do Rosário, na rua do Livramento, na rua da Senzala Nova, na rua das Águas Verdes, e casas térreas em frente à Igreja de Nossa Senhora da Soledade, no Aterro da Boa Vista, na rua de Santa Rita, na rua

296 *Diário de Pernambuco*. 26.02.1827. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

da Glória –, os sítios localizavam-se na estrada do Arraial, na Passagem da Madalena, na Estrada do Pinheiro; ou seja, não muito distantes da área urbana, nem muito apartados dela, havendo inclusive sítios “*no lugar da Casa Forte*” e na rua de São Miguel dos Afogados. Caracterizavam no Recife uma forma de habitação semiurbana.

Do mesmo modo que as casas térreas, as casas de sítio podiam ser de taipa ou de pedra e cal. Em alguns sítios parte das construções era de taipa e a outra parte, de pedra e cal:

*“Quem quizer comprar na Povoação de Bebiribe hum Citio com duas cazas de pedra e cal e tres de taipa tudo na rua e o Citio pegado as cazas tem varias arvores de fructo lorangeiras, jaqueiras, &c. dirija-se a caza de Manoel Rodrigues do Passo no aterro da Boa vista onde achará com quem tratar do seu ajuste.”*²⁹⁷

“Vendas

*Um sitio no lugar dos Remedios, perto da Praça, e do porto d'embarque, com algumas arvores de fructo, e grande plantação de capim; casa de pedra, e cal em boa altura; e outra de taipa, e tijolo: na rua do Fagundes caza D.14, e se vende a dinheiro, ou com boas letras.”*²⁹⁸

Esse tipo de habitação também era caracterizado pelas árvores de fruto que cercavam a residência – praticamente todos os anúncios fazem menção a esses elementos.

“Quem quizer comprar hum Citio nas terras do Engenho do Monteiro, com 300 e tantos pes de lorangeiras novas tanto da china como de embigo, e taõ bem

297 *Diário de Pernambuco*. 11.12.1827. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

298 *Diário de Pernambuco*. 23.01.1831. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

alguns pes de limeiras da terra e da peça, 30 pes de jaqueiras, 1000 e tantos de café e 7 de parreiras, 11 de figueiras, 6 rumeiras, 1 oitizeiro, 5 cajueiros, hum pe de maracuja asú, hum grande bananeiral de bananas tanto curtas como compridas, com hum boa baixa para plantaje de campim, e roças, 3 pes de coqueiros, todo o Citio he cercado de dendezeiros e espinho, e tres pes de pinheira, a casa tem quatro portas de frente e tres janellas, por tudo tem 14 portas, 6 camarinhas, de bom tamanho, casa de fazer farinha, forno, prensa, e estribaria, para cavallos, forno para fazer doce, hum cacimba com boa agoa, o dito Citio fica perto da Igreja e perto o rio Capibaribe, qualquer pessoa que o pertender falle com Francisco do Reis na rua do Rozario, que lá achará com quem tratar.”²⁹⁹

Outra observação em relação a esse tipo habitacional, já constatada por historiadores da arquitetura, é o fato de a cozinha situar-se fora da construção principal:

“Aluguel

Um sitio com arvores de fructos, casa nova com seis quartos, e cosinha fora, na estrada do Pinheiro no Caldereiro: falletem a’ Manoel Isidoro de Miranda.”³⁰⁰

No sítio, mais do que na cidade, havia todo um cuidado no preparo dos alimentos. Considerando-se que os ingredientes eram muitas vezes colhidos na hora, existia uma necessidade de mais espaço para o seu preparo – o que justificava a localização da cozinha na área externa da casa, bem como a existência da “*casa de fazer farinha*” e do “*forno para fazer doce*”, muitas vezes também externos à residência.

Mas se por um lado havia o sítio, proporcionando de certo modo maior auto-suficiência em relação à casa urbana,

²⁹⁹ *Diário de Pernambuco*. 12.06.1827. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

³⁰⁰ *Diário de Pernambuco*. 18.02.1831. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

especialmente no que diz respeito à água e aos alimentos, por outro lado, era possível encontrar nessas áreas, entre o campo e a cidade, a casa dita de campo ou a casa “*para passar a festa*” – a casa de veraneio, como observa Gilberto Freyre, ou a “*casa-grande de sítio*”, onde os mais ricos “*iam passar a festa e fazer suas estações de água, tomando banho de rio*”³⁰¹.

Nas proximidades da cidade, alugavam-se casas para temporada; na área urbana, casas térreas e sobrados eram alugados por longos períodos. Havia ainda diversos anúncios de aluguel de pavimentos inteiros de sobrados para homens solteiros ou famílias – fenômeno constatado da mesma forma no Rio de Janeiro e em Salvador. Alugava-se o primeiro, o segundo ou o terceiro pavimento dos sobrados estreitos e magros, ou ainda o mirante no fundo do quintal ou o quarto de uma boa casa. Por vezes, a entrada era independente, estabelecendo uma certa privacidade em relação aos outros moradores do sobrado.

*“Aluga-se parte do sobrado D.14, 3º andar na Boa-vista, contendo uma sala e 5 quartos inteiramente separados da parte ocupada pelos presentes moradores: da mesma sorte o sótão da mesma casa. As pessoas que quizerem poderão se dirigir ao lugar mencionado, e ahi acharão com quem tractar.”*³⁰²

Esse fenômeno caracteriza a existência de uma renda adicional aos proprietários de sobrados e de outras residências urbanas por meio do aluguel de partes da habitação; por outro lado, indica a existência de uma demanda por moradia no espaço urbano não satisfeita por meio das construções individuais.

Outro fenômeno observado em relação à produção da moradia urbana do Recife é a venda de várias casas em conjunto desde as primeiras décadas do oitocentos. Havia anúncios

301 FREYRE, *Op. cit.*, p. 308.

302 *Diário de Pernambuco*. 28.01.1831. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do IEB-USP).

de venda tanto de duas casas térreas ou dois sobrados, como anúncios de três, quatro, onze, treze casas edificadas em um terreno – algumas com pagamento de foro, caracterizando uma produção para renda ou para obtenção de lucro com a venda das construções.

Em fins do século XIX, continuou comum no Recife o aluguel de partes do sobrado (térreo, primeiro andar, segundo andar, primeiro e segundo andares, terceiro andar e sótão), com uma ou duas salas, dois, três ou quatro quartos e cozinha. Por outro lado, os anúncios de venda e aluguel de casas passaram a dar destaque à existência de água e gás no edifício; vez ou outra sublinhava-se a existência de banheiros na habitação ou de esgoto, “*pelo novo systema*”³⁰³.

Os tipos de residência urbana permaneceram praticamente os mesmos nesse período – casas térreas, casas assobradadas e sobrados –, aparecendo como novidade, embora mais raro nos anúncios, o chalé.

“– O agente Pestana tem para vender os predios abaixo declarados:

(...)

Rua Madre de Deus, sobrado n.16.

Rua Vidal de Negreiros, sobrado com tres andares n.86.

Rua da Imperatriz, sobrado n.5.

(...)

Um chalet na travessa das Pernambucanas (Capunga) n.3.

Todas estas casas acham-se livres e desembaraçadas: a tratar com o agente Pestana, na travessa do Corpo Santo n.27.”³⁰⁴

303 *Diário de Pernambuco*. 20.09.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

304 *Diário de Pernambuco*. 27.09.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

Os anúncios de casas com jardim não eram muito frequentes, mas quando apareciam enfatizavam esse elemento de valorização do imóvel:

*“Aluga-se
uma excelente casa, sita na campina da Casa Forte;
tendo bastantes commodos para uma grande familia;
jardim na frente, agua, e gaz encanados; a tratar na
rua 1º de Março n. 11, loja.”*³⁰⁵

Eram mais comuns os anúncios que mencionavam quintais murados ou “sítios” com árvores frutíferas. Os quintais ou “sítios”, situados atrás das casas; os jardins, ao lado ou em frente à residência. Hortas e pomares, por esses tempos, separavam-se das áreas ajardinadas propriamente ditas.

Em relação aos materiais construtivos, quando mencionados eram tijolo ou “pedra e cal” – construções de taipa havia apenas nos sítios implantados nos arredores da cidade. Por vezes, eram citados os portões de ferro como elementos de destaque junto ao jardim. A essa altura não era mais necessário fazer menção ao vidro das janelas – a maior parte era envidraçada. Em alguns anúncios, as casas eram descritas como edificações com azulejo na fachada – característica das construções do Recife ressaltada por Gilberto Freyre³⁰⁶.

*“Excelente morada
Aluga-se barato á rua do Hospital Pedro 2º, no lugar
dos Coelho, uma casa assobradada e outra terrea
com frente de azulejo, ambas com agua e grandes
quintaes murados (...).”*³⁰⁷

A relação dos cômodos internos, entretanto, era mais comum por esses tempos nos anúncios de leilões de prédios.

305 *Diário de Pernambuco*. 18.10.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

306 FREYRE, *Op. cit.*, p. 312.

307 *Diário de Pernambuco*. 22.11.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

No anúncio referente ao leilão do sobrado de dois pavimentos, com sótão, localizado no Pátio de São Pedro, os cômodos foram descritos da seguinte forma:

*“Pavimento terreo, 2 salas e 1 saguão. Primeiro andar, 2 salas, 2 quartos e cosinha. Segundo andar, 2 salas, 2 quartos, cosinha e sótão; cujo sobrado mede 22 palmos de frente, com 3 portas e 50 ditos de fundo.”*³⁰⁸

Essa descrição dos cômodos lembra muito a do engenheiro Vauthier em relação ao sobrado do Recife de meados do século XIX. Percebe-se que os compartimentos internos de fato se repetiam nos pavimentos superiores dos edifícios.

No anúncio do leilão da casa térrea de número 14 implantada na rua do Bispo Cardoso Ayres, lê-se: *“tendo 2 salas, sendo a sala de frente assoalhada e forrada, 3 quartos internos, 1 salêta, cosinha e 3 quartos externos, sendo um ocupado por um banheiro, água encanada e gaz, quintal murado e 1 gallinheiro”*³⁰⁹. Banheiro, água encanada e gás eram as novidades do período, e como se pode observar, difundiam-se também nas casas térreas.

Embora fosse menos frequente, a relação dos cômodos internos também aparecia em alguns anúncios de aluguel, como no que foi publicado em treze de junho de 1889, de casa térrea para alugar na rua de São João, em que se lê: *“com 2 salas, 4 quartos, gabinete, portão largo ao lado e grande quintal com duas cacimbas de boa água e muitos arvoredos de fructo”*³¹⁰. O portão ao lado da residência indica a existência de um recuo lateral – próprio desse período.

Constata-se, assim, que as casas de fins do oitocentos ainda possuíam comumente duas salas em cada pavimento, dois,

308 *Diário de Pernambuco*. 22.02.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

309 *Diário de Pernambuco*. 15.03.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

310 *Diário de Pernambuco*. 13.06.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

três ou quatro quartos e uma cozinha (interna ou externa). Algumas possuíam banheiro e despensa. Eram muito usuais também os sobrados com três janelas na fachada e sótão.

Nos arredores da cidade, continuavam característicos os sítios, com casas de morada e árvores de fruto (coqueiros, sapotizeiros, laranjeiras, árvores de fruta-pão); em localidades próximas, ainda era corrente o aluguel de casas para “passar a festa”:

“Aluga-se para passar a festa uma boa casa com comodidades para família grande á margem do rio Capibaribe, no Ambolé, freguezia da Varzea, tem a frente pintada de vermelho defronte da taverna, está limpa; a tratar em Olinda, sitio defronte da igreja de N. S. do Guadalupe, ou nos domingos na mesma casa.”³¹¹

Das novidades registradas nos anúncios de fins do século XIX, além do banheiro, da água encanada e do gás, pode-se destacar a despensa, alguns sistemas de esgoto, e o jardim em frente à casa, às vezes cercado por grades de ferro. Influências europeias que modificaram não apenas a construção, mas o modo de vida dos brasileiros.

Salvador

A análise dos anúncios de jornal de Salvador das primeiras décadas do século XIX revela a existência de dois tipos de moradia urbana (a casa de sobrado e a casa térrea) e de três tipos de moradia semiurbana (a roça, a casa de sítio e a casa de campo), sendo o número de anúncios de casas de sobrado mais expressivo que o número de anúncios de casas térreas, e o número de anúncios de venda e aluguel de roças mais significativo que o número de anúncios de casas de sítio ou de campo.

As casas de sobrado eram por vezes descritas como “*casas de pedra e cal*”, com dois, três e até cinco sobrados. Parte dessas construções era erguida em “*chãos próprios*”. Algumas

311 *Diário de Pernambuco*. 20.09.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional).

possuíam “*água dentro de beber*”, eirado, quintal grande todo murado, vista para o mar ou lojas com pátio de bom tamanho. Podiam ser anunciadas também como a propriedade nobre, com bons cômodos, havendo ainda casas de sobrado com sótão e casas assobradadas, com grande quintal.

Situavam-se em sua maioria na área urbana: no beco do Queiroz, na rua do Rosário de João Pedreira, na rua da Oração, na rua do Pão-de-ló, na ladeira de São Bento, no Areal de Cima, na Cidade Alta. Algumas localizavam-se nas principais ruas da cidade. Muitas possuíam vista para o mar e boa parte delas acompanhava os desníveis do terreno, estando implantadas em ladeiras e em ruas íngremes.

Curiosamente, nos anúncios de casas de sobrado de Salvador não se fazia menção ao número de portas e janelas da fachada – em alguns casos, mencionava-se apenas o número de lojas no térreo. O quintal, quando era citado, era descrito como murado; o eirado (coberto ou terraço) favorecia a vista para o mar, o contato visual com o entorno. Nesses anúncios, as casas de sobrado ora estavam à venda, ora para alugar ou arrendar.

As casas térreas, da mesma forma que as casas de sobrado, eram de pedra e cal. Algumas estavam implantadas em “*chãos próprios*”, em ruas e ladeiras da área urbana – na ladeira da Soledade, na rua dos Currais Velhos, na rua do Maciel debaixo.

A casa térrea podia ter até três salas, cinco quartos e cinquenta braças de quintal. Em Salvador, havia casas térreas assoalhadas, casas térreas com sótão e bom quintal, e casas térreas com “*fonte dentro*” – requintes de sobrado na construção horizontal.

Em relação à área semiurbana, os anúncios de venda e aluguel de roças apresentavam poucas referências à casa em si, definida apenas como boa casa de vivenda, de pedra e cal; casa de vivenda assobradada; casas novas; casa de morar; boas casas de sobrado, com vidraças; casa de sobrado nova. Observa-se assim que a casa da roça nem sempre era térrea; podia ser assobradada

ou mesmo um sobrado – algumas vezes com vidraças nas janelas (o que estabelecia uma certa distinção social). Mas era quase sempre de pedra e cal – como a casa de sobrado urbana.

Esse tipo de habitação era composto, além da casa, pela água (“*água dentro*”, fonte, poço de água nativa), pelo “*brejo*”, e principalmente pelo arvoredado – de espinho ou de fruta: mangueiras, cajueiros, dendzeiros, coqueiros, jaqueiras e laranjeiras.

Algumas roças estavam implantadas em “*terras próprias*”; outras, em “*terras foreiras*”. A maior parte delas localizava-se em caminhos e estradas: no caminho para o Rio de São Pedro, na calçada do Bonfim, na Estrada das Boiadas, na Barra, no caminho que descia da Piedade para o Barril, ou mesmo dentro de sítios, como a roça no sítio das Barreiras. Ainda assim, havia roças com “*vista para o mar*” – como os sobrados da área urbana.

A roça era então a casa de pedra e cal, erguida em estrada ou ladeira, circundada por arvoredado e com “boa água” no terreno.

A casa de sítio era, da mesma forma, de pedra e cal; às vezes tinha portão, terra baldia nas laterais, quintal plantado de arvoredado de espinho, coqueiros, laranjeiras, terreno para construção de outras casas, estrebaria, enxertos, flores e “*plantações curiosas*”. Situava-se em localidades mais distantes da área urbana: no Barril, em Tapagipe da Ribeira. Talvez estivesse mais próxima das casas de fazenda que das casas de cidade e não tinha vista para o mar.

A casa de campo de Salvador era, à semelhança das outras construções, de pedra e cal. Possuía quintal grande, poço d’água; às vezes era nova e “*moderna*” e ficava à beira-mar – como algumas roças. Podia ter “*sítio*” com laranjeiras, coqueiros e parreiras – como algumas casas em São Paulo ou no Rio de Janeiro, que possuíam “*chácaras*”, um emprego diferenciado dos termos, relacionando-os às plantações e árvores de fruto.

Tanto a roça como o sítio, ou mesmo a casa de campo, eram caracterizados pelo arvoredado e pelas plantações, pelo poço ou pela fonte de água e, na maioria das vezes, pela casa de

pedra e cal. A leitura dos anúncios, entretanto, não evidencia uma hierarquia social desses tipos de habitação a não ser pela proximidade ou distanciamento da área urbana.

Nos anúncios das décadas de 1830 e 1840, persistiram esses tipos edificatórios: casas térreas e sobrados na área urbana; roças, casas de sítio e casas de campo na área semiurbana. Nesse período, anunciavam-se casas térreas com três salas e cinco quartos; casas térreas em chãos próprios, com “*proporções para família*”; casas térreas de pedra e cal, assoalhadas, com sótão e “*bom quintal com fonte dentro*”, em terras próprias; casas de pedra e cal, com sete quartos, sala fechada, forrada e assoalhada, com dez braças de frente e trinta de fundo, com laranjeiras, mangueiras e jaqueiras; casas de pedra e cal, cobertas de telha, com bons cômodos e quintal; casas de pedra e cal, assoalhadas, com “*cinco lojas por baixo*” e quintal grande; casas de sobrado, “*de um andar*”, com boa frente; roças com casa de pedra e cal, e varanda fora; roças com laranjeiras, coqueiros, mangueiras e jaqueiras; roças com bastante arvoredos e poço de água nativa; casas de sítio com enxerto novo, flores e muitas “*plantações curiosas*”; e casas de campo, com seu eirado, cinco quartos, “*cavalharice*”, grande poço, casas para banhos e um grande quintal, com parreiras, laranjeiras e outros arvoredos. Ou seja, em meados do século, as casas urbanas de Salvador continuavam sendo descritas como casas de pedra e cal, muitas delas com quintal, algumas assoalhadas e forradas, outras com lojas no térreo. Na área semiurbana, os tipos de habitação (a roça, a casa de sítio e de campo) eram ainda frequentemente associados às plantações e arvoredos, sendo quase sempre citado o poço de água nativa.

De um modo geral, pode-se dizer que nos anúncios de princípios e de meados do século XIX, o material construtivo das casas urbanas e semiurbanas de Salvador, quando mencionado, era pedra e cal. Nos anúncios analisados, não foram encontradas menções às alcovas, e eram poucas as referências a

quartos – principalmente nas primeiras décadas do século XIX. A imagem do quintal era relativamente frequente: aparecia junto às casas de sobrado, às casas de campo, às casas de sítio e a algumas casas térreas. Lojas, eirados e sótãos eram comuns aos sobrados, mas havia casas térreas com sótão e assoalho e casas de campo com eirado.

Em fins do século XIX, da mesma forma que aconteceu nos periódicos de outras cidades brasileiras (como Rio de Janeiro, Recife e São Paulo), observa-se uma drástica redução no número de anúncios de venda e aluguel de casas em jornais de grande importância em Salvador (como o *Diário da Bahia*), em função do aparecimento de agências ou agentes especializados nesse tipo de transação comercial – hipótese esta confirmada pela leitura de um anúncio de “Agência de Casas” publicado no *Diário da Bahia* em 17 de março de 1889:

“Agencia de Casas

Rua das Princezas n.20, 2º andar

Acha-se estabelecida á rua Nova das Princezas n.20, 2º andar, n’esta cidade, uma agencia que tem por fim servir á população d’esta capital e de fóra, no tocante a alugueis e arrendamentos de casas e a informações seguras e circunstanciadas sobre as mesmas, tudo de conformidade com o prospecto publicado e distribuido, e de que ha cópia na mesma agencia para esclarecimento dos Sr. proprietarios e mais pessoas que queirão alugar ou arrendar casas, lojas, quartos, armazens, etc., tanto da capital como de fóra da capital e da provincia.

*Esta agencia incumbe-se tambem de compras e vendas de casas.”*³¹²

Nos raros anúncios de venda e aluguel de casas publicados nesse período, constata-se a difusão do jardim e do chalé e a permanência da roça como tipo de residência semiurbana.

312 *Diário da Bahia*. 17.03.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.)

“Casa para alugar

Aluga-se uma grande propriedade de casa no largo do Forte de S. Pedro, contigua ao Passeio Publico, contendo ella grande sala de frente, dita de entrada e de jantar; 7 quartos, cosinha fôra, despensa, banheiro e diversos quartos, encanamento d’agua e gaz, com lustres, toda forrada a papel e de novo pintada, sendo rodeada de jardim e grande terreno com mangueiras, laranjeiras, sapotas e outros arvoredos fructiferos: a tratar com Reginaldo José Falcão na rua Sete de Setembro ao Polytheama.”³¹³

Essa casa ajardinada situava-se nas proximidades do Passeio Público – portanto, em área urbana arborizada – e apresentava uma mistura do tradicional com o novo; do nacional com o europeu. A sala na frente e a cozinha externa foram elementos característicos da arquitetura tradicional brasileira; a existência do banheiro e da despensa, do encanamento de água e de gás confirma a introdução de novos elementos à arquitetura urbana de fins do oitocentos, da mesma maneira que os lustres e o papel de parede indicam a influência europeia. No jardim, a mesma mistura: já não se tratava de um jardim que ficava atrás da residência, como no período colonial, mas de um jardim que circundava a construção, à maneira europeia; todavia, era possível encontrar nesse jardim mangueiras e laranjeiras – como no jardim tradicional brasileiro, pontuado de árvores de fruto.

O chalé que aparece no anúncio de 29 de agosto de 1889 também possuía jardim (neste caso, um jardim “na frente”) e, além desse atrativo, “uma magnífica vista de mar”:

“Casa para alugar

Aluga-se um bonito chalet á ladeira da Jaqueira n.169, com bastantes commodos, jardim na frente, grande quintal, com uma magnifica vista de mar, e perto dos banhos.

A tratar na mesma ladeira n.175.”³¹⁴

313 *Diário da Bahia*. 30.01.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.)

314 *Diário da Bahia*. 29.08.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.)

Essa mesma residência havia aparecido em anúncio publicado em fevereiro desse ano, mas em vez da denominação “chalet”, falava-se apenas em “*uma boa casa na ladeira da Jaqueira*”, com muitos cômodos, jardim na frente, terraço e grande quintal, vista para o mar e encanamento de água³¹⁵. O termo “chalet” teria sido empregado com o intuito de atrair o futuro morador; o fato de possuir a empena voltada para a rua, à europeia, seria um atrativo a mais da moradia.

Enquanto os chalés e as casas ajardinadas difundiam-se na área urbana, pelas ladeiras da cidade, a roça continuava comum ao longo das estradas:

“Vende-se

Uma boa roça com grande casa de morada, á estrada do Resgate, freguezia de Santo Antonio.

*Quem pretendel a dirija-se a Manuel Ezequiel de Almeida Galeão, á rua da Soledade n.62, ou a Manuel Galeão, ao Pelourinho n. 72.”*³¹⁶

Apesar do número reduzidíssimo de anúncios no período, estes comprovam a influência europeia em Salvador ou a abrangência do processo de re-europeização que caracterizou o Brasil do século XIX, e, por outro lado, a persistência de elementos tradicionais fortemente arraigados à cultura do povo e ligados aos usos e costumes da casa brasileira, que nem mesmo a obsessão por tudo que era europeu conseguiu dirimir.

São Paulo

No primeiro jornal impresso da cidade de São Paulo, o *Fa-rol Paulistano*, lançado em 1827, foram raros os anúncios de venda e aluguel de casas urbanas e semiurbanas. Quando apareciam, traziam poucos detalhes descritivos dos tipos edificatórios. Havia anúncios de casas térreas, casas térreas de dois lanços (forradas, com “paredes de pilão” e “cômodos suficientes”),

315 *Diário da Bahia*. 22.02.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.)

316 *Diário da Bahia*. 27.12.1889. (Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.)

casas de dois lanços com quintal, casas com quintal mas sem especificações quanto ao número de pavimentos, e casas de sobrado na área urbana. Nas proximidades da cidade (que nesse período correspondiam à Freguesia do Brás, às estradas que levavam a Santo Amaro e a outros bairros e lugares que posteriormente foram incorporados ao espaço urbano), anunciavam-se a venda e o aluguel de chácaras – algumas com “*deliciosa vista*”, com casas térreas de três lanços, engenho de mandioca e pilão, boas aguadas e um grande tanque; outras com “*umas casas de sobrado*” com doze sacadas além das janelas comuns e vista da cidade inteira; outras ainda com bom quintal para planta e arvoredos, e cercados para animais. Valorizava-se muito a situação da chácara – o lugar, as vistas – e ainda não se falava em jardins, mas em quintais para planta e arvoredo.

Os anúncios de meados do século apresentavam praticamente os mesmos tipos de residência urbana e semiurbana: casas térreas (casas térreas de um lanço, casas térreas de dois lanços), casas com quintal (sem definição do número de pavimentos), casas de sobrado e chácaras. Em alguns anúncios era possível encontrar um detalhamento maior dos compartimentos internos da casa. Havia casas térreas com sala, varanda de jantar, alcova, quartos (um quarto na varanda e mais um quarto no centro), cozinha muito boa e quintal muito grande; casas de um lanço com boa sala de duas janelas, alcova grande, dois quartos (um grande e um pequeno), varanda, boa cozinha e quintal; casas com bons cômodos e grande quintal; casas de dois lanços, com grande frente para a rua e quintal com arvoredos; casas de sobrado com grades de ferro nas janelas, três portas na fachada, “*baixos*” e cômodos para uma família; casas de sobrado com cômodos em cima para moradia e embaixo para negócio, e grande quintal. Havia ainda chácaras muito próximas da cidade, perto da Consolação, no Pary, na Luz, no Brás, no largo da Igreja dos Pinheiros, no Arouche, na rua de Santa Efigênia e na estrada para Santo Amaro. Eram chácaras com grande casa de

morada, rancho e pasto para animais e quintal plantado de arvoredo; chácaras com casa de taipa e grande plantação; chácaras com boa casa térrea (de dois lanços), grande quintal, bastante arvoredo e muito capim; ou chácaras com “*casa sofrível*”, bons pastos, boas águas e excelentes terras para lavoura em lugar “*risonho e salubre*” – no Araçá.

Em meados do século, também foram comuns os anúncios de venda de casas em conjunto – como as duas moradas de casas na rua da Freira ou as quatro moradas de casas na rua do Piques, todas unidas.

Mas a difusão de novos tipos de habitação urbana (permanecendo a venda e o aluguel de chácaras nas áreas semiurbanas) tornou-se característica em fins do século XIX nos anúncios de cortiços, palacetes, casas com jardim (lateral ou frontal) e chales, embora na maioria das vezes com pouco ou quase nenhum detalhamento em relação aos cômodos internos.

“Vende-se na rua da Consolação, 18, cinco casas e onze cortiços, estes estão no padrão da camara; e na rua do Triumpho, 21, uma casa de dois lances, e um chalet na rua do Conde d’Eu, 14.

*Para tratar na rua acima n.18; estas propriedades estão livres de qualquer onus, e o motivo da venda é por sua dona ter de retirar-se para a Europa a tratar de sua saude.”*³¹⁷

“Casa

*Aluga-se a da rua Aurora, 70, tendo commodos para familia numerosa, tendo jardim na frente e ao redor da casa. Aluguel 450\$000. Para tratar á rua Aurora, 66.”*³¹⁸

Como em outras cidades brasileiras, o número de anúncios de casas diminuiu nesse período em função do aparecimento de escritórios responsáveis pela venda de imóveis em grande

317 *Correio Paulistano*. 01.07.1888. (Acervo do Arquivo do Estado).

318 *Correio Paulistano*. 03.12.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

quantidade – às vezes mais de duzentos palacetes, chácaras, casas e terrenos na cidade e no interior, como no anúncio publicado no *Correio Paulistano* em dois de agosto de 1900 (já na passagem do século):

“Casas

Palacetes á venda

Em número de 238 e bem assim chacaras, terrenos, sitios e fazendas. Escritorio de Augusto Freitas á travessa do Commercio, 18.”³¹⁹

Ou no anúncio de vinte e cinco de janeiro desse mesmo ano, que apresentava diversas opções de localização dos imóveis:

“Casas á venda

no Escritorio Commercial 10.

Travessa do Commercio 10.

Vendem-se casas na

Rua da Consolação

Avenida Intendencia

Rua da Graça

- Pirapitinguy

- de São Paulo

- José Bonifácio

- Santo Amaro (perto do Piques)

- Tabatinguera

- São João

- Helvetia

- Prudente de Moraes

- Martim Francisco

- General Osorio

(...)

Terrenos

Barra Funda – Rua Lopes de Oliveira

Liberdade – Rua Pedroso

Rua Victoria.

319 *Correio Paulistano*. 02.08.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

Temos casas para vender desde 6:000\$ até 100:000\$ cada uma.

Drovet & Mee

*Travessa do Commercio, 10.*³²⁰

Ainda assim, era possível encontrar em raros anúncios uma descrição de palacete:

“Esplendido palacete

á venda

No florescente bairro da Lapa, servido pelos trens dos suburbios da Estrada de Ferro Ingleza, e brevemente pelo bond electrico.

Vende-se

Com ou sem mobilia, um excellente palacete de luxo, completamente novo, para familia de tratamento, com 11 commodos, latrina ‘Unitas’ e banheiro, com agua encanada em todos os quartos, gaz acetyleno, jardim, horta, galinheiro e estrebaria.

Vende-se

com um abatimento de 50% do preço de custo, tendo o seu dono de retirar-se deste Estado.

*Para mais informações na administração deste jornal – onde se encontram a planta e a photographia do edificio.*³²¹

Esse palacete era provido de várias novidades do período, como água encanada, gás, banheiro e latrina “Unitas”, ao mesmo tempo que preservava características ou elementos da habitação brasileira do período anterior – horta, galinheiro e estrebaria. O antigo se misturava ao novo, e o tradicional ao europeu.

Mais comuns que os anúncios de palacete eram entretanto os anúncios de sobrados (nesse momento, em sua maior parte para alugar) e de casas sem definição quanto ao número de pavimentos:

320 *Correio Paulistano*. 25.01.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

321 *Correio Paulistano*. 29.11.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

“Sobrado

*Aluga-se um com 3 quartos. Rua Brigadeiro Tobias n. 66.*³²²

“Casa

*Vende-se a casa n. 26 da rua da Assembléia. Para tratar na rua José Bonifácio n. 10.*³²³

Os anúncios de venda e aluguel de casas em conjunto eram ainda relativamente frequentes nesse período:

“Cazinhas

*Vende-se trez, de porta e janella, de ns. 66, 68 e 70, na estrada Vergueiro, em frente ao principio do Morro Vermelho, tendo as tres cinco braças de frente e 25 de fundo, com muito boa agua de poço, arvores fructíferas, etc. Para tratar na rua do Senador Feijó n. 34.*³²⁴

Mas os anúncios de chácaras ou de casas *com* chácara, em comparação com o período precedente (meados do século XIX) tiveram uma redução considerável provavelmente em virtude dos escritórios de imóveis – muitas vezes responsáveis também pela venda desse tipo de habitação. Em sua descrição, apareceram novos elementos de valorização do imóvel, como “*bondes à porta*”, cocheiras e o conforto das residências.

“Chacara

Vende-se uma na rua do Vergueiro, n. 114 com bonds a porta com casa de morada, quartos, para camarada ou carro, grande cocheira, immenso capinzal, muitas hortaliças, immenso pomar, agua de poço muito boa, a preço razoavel.

*Para ver e tratar na mesma.*³²⁵

322 *Correio Paulistano*. 28.08.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

323 *Correio Paulistano*. 04.11.1888. (Acervo do Arquivo do Estado).

324 *Correio Paulistano*. 18.08.1888. (Acervo do Arquivo do Estado).

325 *Correio Paulistano*. 25.04.1888. (Acervo do Arquivo do Estado).

“Esplendida vivenda

Nas immediações da rua Aurora, vende-se uma confortável casa com grande chacara, com todas as acomodações necessárias, pelo preço unico de 55 contos. Mede de frente 20 e tantos metros por cerca de 70 de fundos.

Para tratar com Antonio C. da Rocha

41, Rua do Commercio.”³²⁶

A partir desse momento, o conforto e as comodidades consolidaram-se como atrativos de venda.

A análise desses anúncios demonstra que em apenas um século a casa paulistana se transformou em seus aspectos construtivos, em seu programa de necessidades, em sua fachada, em sua forma de implantação no lote. Por outro lado, a ausência de habitação em número suficiente para suprir a demanda por moradia na capital paulista de fins do século XIX contribuiu para a difusão do cortiço na área urbana, apesar das novas tecnologias disponíveis.

* * *

Observa-se, assim, que a casa brasileira dos anúncios do século XIX era a casa térrea (de pau-a-pique, de pedra e cal, de taipa de pilão), a casa de sobrado (de tijolo, de pedra ou de taipa), com dois, três, quatro, cinco pavimentos, a casa assobradada, a casa de esquina, a casa nobre, a casa de telha, a casa com negócio, a casa de chácara (em São Paulo e no Rio), a casa de sítio (em Salvador e no Recife), a casa da Roça (na Bahia), a casa de campo. Uma pluralidade de tipos edificatórios e suas variações e sempre a mesma casa, com sala, alcovas, varanda, corredor e cozinha, e quase sempre um quintal com poço d’água, às vezes com árvores de fruto, horta, pomar, talvez um jardim, mas em todo caso um espaço livre de uso particular a complementar a construção.

A casa brasileira dos anúncios de jornal era a casa com “*cômodos suficientes para uma família*” – uma casa patriarcal,

326 *Correio Paulistano*. 30.08.1900. (Acervo do Arquivo do Estado).

porém com sótão, pavimentos inteiros, salas e alcovas disponíveis para outras famílias ou pessoas solteiras; uma casa com espaços para aluguel e produção de renda; uma casa que se transformava, acompanhando as mudanças sociais: a europeização (ou re-europeização) a partir da chegada da Corte, a abolição, a decadência do patriarcado (rural e urbano), a ascensão da burguesia, a imigração de trabalhadores livres (europeus) para substituição do trabalhador compulsório (o escravo africano).

Alterava-se a sociedade, alteravam-se a paisagem urbana, a rua, os espaços livres públicos, a arquitetura, a fachada das construções, o programa de necessidades, a disposição dos cômodos, a forma de implantar a construção nos lotes, as características do jardim. E os jornais passavam a anunciar, junto aos antigos sobrados, a venda e o aluguel de palacetes, chalés e cortiços – novos tipos edificatórios a suprir os anseios e necessidades de uma sociedade em transformação.

Outras cidades brasileiras

À época da criação da Província do Amazonas, surgiram alguns jornais ao norte do país, como *O Tribuno do Povo* – jornal do partido conservador, com redação de Joaquim Mariano de Lemos e Vitorio de Figueiredo e Vasconcelos, cujo primeiro número foi lançado em 1844 – e *O Cinco de Setembro* – jornal fundado por Manuel da Silva Prado em 1851 que, após a instalação da Província, passou a circular sob o título de “Estrela do Amazonas” e, posteriormente, foi denominado simplesmente “Amazonas”³²⁷. Mas de fato, a “*semente da imprensa no Grão-Pará e Rio Negro*” foi, segundo Augusto Meira Filho, o jornal *O Paraense*³²⁸. Editado por Filipe Alberto Patroni, *O Paraense* foi o primeiro jornal publicado no Pará (a partir de 1822), com tipografia importada de Lisboa e tipógrafos europeus. A este se seguiram vários outros periódicos, como o *Luso Paraense*

327 v. TAPAJÓS, Vicente. *A Amazônia no século XIX*. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1979. p. 111, 124 e 125.

328 MEIRA FILHO, *Op. cit.*, p. 822.

(1823), o *Correio do Amazonas* (1831), *O Mercantil Paraense* (1834), a *Folha Comercial do Pará* (1837), o *Treze de Maio* (1840), *A Gazeta Mercantil* (1847) e o *Diário de Notícias* (1880)³²⁹.

De acordo com Jonas Marçal de Queiroz, ainda que não dispusessem dos recursos dos principais periódicos do país, esses jornais (especialmente aqueles publicados nas últimas décadas do século XIX) contavam com um serviço telegráfico, possibilitando uma relativa rapidez no recebimento e na divulgação de notícias³³⁰.

A centro-oeste do país, teve importância o *Matutina Meyapontense* – jornal que foi adquirido pelo Governo da Província de Goiás em 1836, passando a circular, a partir de julho de 1837, sob a denominação de “Correio Oficial de Goiás”. *O Goiano*, *O Tocantins*, *A Imprensa Goiana* e *O Alto Tocantins* foram outros periódicos lançados nessa região durante o século XIX³³¹.

Ao sul do Brasil, em virtude das várias colônias de imigrantes, surgiram jornais em língua estrangeira ao longo do oitocentos – muitos deles em alemão, como o *Kolonie-Zeitung*, impresso a partir de 1863 –, sendo tardia em algumas cidades a publicação de jornais em português, como *A Gazeta de Joinville* (lançada somente em 1877)³³². Dos jornais publicados em português, pode-se destacar *O Catharinense*, *O Dezenove de Dezembro*, o *Diário de Porto Alegre* e *O Constitucional Rio-Grandense* – a maior parte de caráter político.

A análise de alguns desses periódicos demonstra que ao norte e a centro-oeste do país eram raros os anúncios de venda

329 v. BARATA, *Op. cit.*, p. 231-251.

330 QUEIROZ, Jonas Marçal. “Trabalho escravo, imigração e colonização no Grão-Pará (1877-1888)”. In: *Amazônia: modernização e conflito (séculos XVIII e XIX)*. Belém: UFPA-NAEA, 2001. p. 84.

331 LACERDA, Regina. *Cidade de Goiás: berço da cultura goiana*. Conferência pronunciada na solenidade de reabertura do Gabinete Literário Goiano. Goiás, 04.02.1968. p. 8-9.

332 v. FICKER, *Op. cit.*, p. 287-300.

e aluguel de casas, podendo-se levantar as seguintes hipóteses: em primeiro lugar, o número de residências urbanas e semiurbanas não era muito expressivo nessas localidades (situação que sob certos aspectos se altera em Manaus e Belém nas últimas décadas do século XIX, mas não de forma tão significativa como em algumas cidades próximas à costa leste do Brasil), devendo estar a maioria dessas casas ocupada e sendo mais lento o processo de construção de novas moradias; em segundo lugar, como o número de habitantes também era reduzido, talvez não fosse tão premente a necessidade de se anunciar casas em jornais. Essas hipóteses são igualmente válidas para algumas cidades do sul do país.

Nos exemplares do jornal *O Paraense*, referentes aos anos de 1842, 1843 e 1844 (ano em que o periódico deixou de existir), foram encontrados raríssimos anúncios de venda e de aluguel de casas.

Em 17 de janeiro de 1843, Joaquim Marianno de Lemos anunciou nesse jornal o aluguel dos “sobrados” da propriedade em que morava³³³, demonstrando a difusão dessa prática tão comum em cidades como o Rio de Janeiro, Recife e Salvador, de se alugar os pavimentos superiores da residência para outras famílias – difusão que provavelmente se deu antes por necessidade (de um acréscimo de renda por parte do proprietário e de moradia urbana por parte do futuro inquilino), que por influência do modelo adotado nas grandes cidades da costa leste do Brasil.

Em 21 de julho desse mesmo ano, José Leocadio do Amaral Brazil anunciou a venda de um quarto de casas na rua da Pedreira, número 33³³⁴. Esse anúncio confirma a constatação feita em relação ao anterior: a de que havia de fato uma escassez de moradias urbanas em Belém nesse período. Em ambos os casos, não se faz menção ao tipo de material construtivo ou aos cômodos das residências.

333 *O Paraense*.17.01.1843.(AcervoDigitaldaFundaçãoBibliotecaNacional).

334 *O Paraense*.21.07.1843.(AcervoDigitaldaFundaçãoBibliotecaNacional).

No *Matutina Meyapontense*, referente ao ano de 1830 (antes portanto de sua aquisição pelo Governo da Província de Goiás), não foi publicado nenhum anúncio de venda ou aluguel de casas. Nesse jornal, de caráter político, eram muitas vezes transcritos textos de outros periódicos brasileiros, como o *Fa-rol Paulistano*, a *Aurora Pernambucana* e o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

Nos raros exemplares remanescentes do jornal *O Catharinense*, praticamente não se vê anúncios de casas. Uma das exceções aparece no exemplar do dia 25 de janeiro de 1832:

*“Quem quizer comprar huma morada de casas na rua do Principe, com fundos athè a praia e boas proporções para fazer armazem, e bom porto para embarque e desembarque; dirija-se a outra banda do estreito a tratar com Isidoro Ribeiro, que he seo dono.”*³³⁵

Nesse anúncio, não há qualquer referência ao tipo de material construtivo, aos cômodos internos ou mesmo à dimensão das fachadas e do terreno. Importam antes a localização da moradia urbana e as possibilidades que oferece.

À época da publicação desse anúncio (1832), algumas cidades ao sul do país, como Joinville, ainda não haviam sido fundadas e, mesmo depois de sua fundação, permaneceram por um longo período com um número reduzido de casas:

*“Havia, em fins de 1874, 280 casas residenciais em Joinville (...).”*³³⁶

Com um número tão reduzido de residências urbanas certamente não era preciso anunciar a venda e o aluguel de casas nos jornais. Outra peculiaridade em relação a Joinville e a outras colônias alemãs é que os próprios colonos erguiam suas casas,

335 *O Catharinense*. 25.01.1832. (Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional).

336 v. FICKER, *Op. cit.*, p. 287.

sendo necessário a eles apenas a aquisição do terreno – que normalmente se dava diretamente com a sociedade colonizadora.

O Dezenove de Dezembro foi o primeiro jornal paranaense – editado em Curitiba entre 1854 e 1890. Não obstante seu caráter político, publicou alguns anúncios de casas, como se observa nos exemplares de 1854. Em maio desse ano, colocava-se à venda uma “*chacara no Rocío*”, com “*casa de telha, grande quintal e potreiro, tudo cercado de moirões de cerne, e com proporções para fazer um bom monjollo*”³³⁷. Um mês depois, foi anunciado o aluguel de uma loja e de um quarto, em “*lugar bom para negocio de fazendas*”, bem como o aluguel do “*restante da casa que serve para uma familia morar*”³³⁸. Esses anúncios, do mesmo modo que a maioria dos que aparecem nesse periódico em 1854, não apresentam detalhes sobre a construção, sendo extremamente raros os que descrevem a casa de forma minuciosa, como o publicado em dois de setembro desse mesmo ano:

*“Vende-se a caza nº12 da rua do Commercio, propria para numeroza familia, com mobilia ou sem ella, tem um sobrado contiguo, grande quintal, murado de pedra, e fundos com paredes já em boa altura para uma grande casa para a rua das Flores, e finalmente sisterna de boa agoa de beber dentro do pateo, ao pé da cosinha. Esta propriedade consta de quatro salas, quatro alcovas, uma loja, um gabinete, uma despensa, cocheira e cosinha terreos e o sobrado tendo 44 palmos quadrados tem duas salas e dois quartos, sendo um que recebe a escada. Quem a pretender pode dirigir-se ao nº acima para ver e tratar.”*³³⁹

337 *O Dezenove de Dezembro*. 06.05.1854. (Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional).

338 *O Dezenove de Dezembro*. 24.06.1854. (Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional).

339 *O Dezenove de Dezembro*. 02.09.1854. (Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional).

Esse anúncio reforça a ideia da existência de sobrados (ou de construções assobradadas) ao sul do país e do emprego da pedra (mesmo que seja mencionado apenas em relação ao muro). Dá uma noção também dos cômodos internos: salas, alcovas, loja, gabinete, cozinha e despensa no térreo e salas e quartos no sobrado.

No *Diário de Porto Alegre*, particularmente em determinados exemplares referentes aos anos de 1827 e 1828, não havia anúncios de casas; mas em *O Constitucional Rio-Grandense*, aparecem vários anúncios de residências urbanas e semiurbanas características do sul do Brasil: chácaras, meias águas, casas de esquina, casas com três portas na frente, casas com “dois lances” e sobrados.

Nas chácaras do sul do país (como em todas as outras chácaras brasileiras) era possível encontrar, segundo esses anúncios, “*arvoredos de toda a especie*” e “*casa para moradia*”³⁴⁰. Às vezes, a morada de casas era “*de sobradinho*” e a chacara era cercada “*de espinhos de Maricá, com agua dentro em hum poço de pedra*”³⁴¹. Algumas chácaras apresentavam até “*fabrica de ollaria*”, como a que foi anunciada em primeiro de outubro de 1828:

“Vende-se ou arrenda-se huma chacara distante desta Cidade 3 leguas, sita na margem do Rio Guahiba, com meia legua de frente e outro tanto de fundo, com madeiras de construcção, fabrica de ollaria e forno para queimar; casa de morar de sobrado, de pedra e tijolo, grande abundancia de arvoredos d’espinho e caroço, que já dão, com cultivados para plantações, e hum grande potreiro cercado: qualquer pessoa que

340 *O Constitucional Rio-Grandense*. 12.07.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

341 *O Constitucional Rio-Grandense*. 13.08.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

*a intente comprar ou arrendar dirija-se a fallar com Domingos Ferreira Ribeiro, que tem poderes de tratar preço e prazo.*³⁴²

Na construção, observa-se o emprego da pedra e do tijolo – em outros anúncios de chácara destaca-se também a cobertura de telha³⁴³. Nos espaços livres característicos desse tipo de habitação, enfatiza-se a existência de arvoredos de espinho (ou de árvores de fruto) – da mesma forma que nos anúncios publicados em outras áreas do país.

Os anúncios de venda de “meias-águas” restringiam-se praticamente à menção desse tipo de casa – que pelas suas dimensões não requeria maiores detalhamentos:

*“Vende-se huma Meia agua sita na Rua do Arvoredo Nº 48, quem a pretender pode dirijir-se á rua do Portão Nº 108, que achará com quem tratar.”*³⁴⁴

Essa mesma simplicidade descritiva aparece nos anúncios de casas térreas com três portas na frente:

*“Quem quizer comprar huma casa na rua de Bragança Nº 10, com trez portas na frente; e fundos competentes quem a quizer dirija-se a Rua do Poço casa Nº 3, que achará com quem tratar.”*³⁴⁵

342 *O Constitucional Rio-Grandense*. 01.10.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

343 v. *O Constitucional Rio-Grandense*. 20.08.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

344 *O Constitucional Rio-Grandense*. 02.08.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

345 *O Constitucional Rio-Grandense*. 31.10.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

Essas moradias – as meias-águas e as casas térreas com três portas na frente – eram algumas das construções mais simples do espaço urbano do sul do país.

Já a casa de esquina aparecia mais detalhada e mais valorizada em certos anúncios:

*“Vende-se (...) huma caza de esquina, com 48 palmos de frente, toda furrada e parte assoalhada, com quintal de 70 braças de fundo, e 40 de largo, com muito arvoredo de toda a qualidade (...).”*³⁴⁶

O forro, o assoalho, o quintal com arvoredo e mesmo a largura da fachada são empregados como elementos de valorização da construção pelo proprietário na descrição da casa.

Havia também para vender casas de tijolo, “*com 65 palmos de frente*”³⁴⁷, casas cobertas de telha, “*com 25 palmos de frente, paredes de tijolo, e assobradada*”³⁴⁸; casas com “*quintal grande*”, para “*famílias numerosas*”³⁴⁹; e moradas de casas “*com dous lances*”³⁵⁰.

Embora o jornal fosse publicado em Porto Alegre, essas casas nem sempre estavam implantadas nas ruas dessa cidade (como na rua do Riacho, na rua do Arroio, na rua do Arvoredo ou na rua Formosa). Algumas dessas casas e chácaras situavam-se

346 *O Constitucional Rio-Grandense*. 02.08.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

347 *O Constitucional Rio-Grandense*. 03.12.1828. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

348 *O Constitucional Rio-Grandense*. 04.02.1829. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

349 *O Constitucional Rio-Grandense*. 04.03.1829. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

350 *O Constitucional Rio-Grandense*. 13.05.1829. (Microfilme da Fundação Biblioteca Nacional. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

no “caminho do Rio Pardo”, “na costa do Rio Guahiba acima da barra do arroio dos Ratos”, “na margem do Rio Guahiba” – a três léguas da cidade; no “caminho da Capella”; ou ainda na “Freguezia de N. S. dos Anjos d’Aldeia” – abrangendo portanto outras localidades ao sul do país, dada a importância regional desse periódico.

Essa análise leva à conclusão de que nas cidades do século XIX onde era maior o número de edifícios, maior o número de habitantes e maior o desenvolvimento econômico e urbano, era mais expressivo o número de anúncios de venda e aluguel de casas, possibilitando um estudo mais abrangente dos tipos de edificação de uso residencial a partir dessas fontes documentais. Nas cidades menores ou menos desenvolvidas em termos econômicos e urbanos, constata-se a escassez desse tipo de documento histórico nos periódicos locais, sendo necessária a recorrência a outras fontes de investigação.